

Moderação e paideia na cidade ideal: Platão contraria a poesia na república?

Felipe Gustavo S. da Silva
Mestrando em Filosofia/UFPE

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar a natureza da poesia, via literária, sob o viés da proposta platônica na *República*. Na Paideia grega, o elemento da moderação aparece como fundamental nas ações a serem desenvolvidas pelo homem tanto no meio social quanto no restrito. Este elemento é objeto presente na *República* platônica, em que temos a oportunidade de verificar a importância de uma educação que visasse à moderação para a formação de uma cidade ideal, edificada pelo homem virtuoso. Mais especificamente, iremos tratar neste trabalho, como Sócrates sugere que deve conduzir-se a educação dos guardiões na *República*, e quais elementos seguir ou rejeitar nessa formação - destacando aqui o ideal da moderação e a proposta de “expulsar” a poesia mimética da cidade, conforme descrito no livro III e X. É nosso interesse analisar a educação proposta aos guardiões da cidade ideal como um apelo platônico à moderação. Neste trabalho, pretendemos responder a pergunta: Por que Platão despreza a poesia? O que ela tem a ver com a moderação e com a educação dos guardiões? A partir disso, pretendemos justificar o porquê de Platão adotar seu posicionamento frente ao processo educativo dos guardiões da cidade. Propomos uma leitura a partir do conceito de moderação, o que nos leva a concordar com o autor que, de fato, no contexto antigo, parece realmente necessário banir a poesia, devido ao fato dela incitar veementemente as partes mais baixas da alma, “alimentando” elementos da alma que deveriam ser controlados visando a Virtude. Ademais, é nosso interesse demonstrar que Platão não contraria a literatura sob véu poético mas apenas seleciona o modo e indica o caminho pedagógico para que, através da moderação, possa-se chegar à excelência.

Palavras-chave: Poesia. Moderação. Educação.

1. Introdução

A origem da relação entre Filosofia e poesia encontra-se já na Antiguidade, a partir de Parmênides que se utilizou das formas poéticas para descrever a relação entre a Filosofia e a verdade e, ainda mais, sobre as relações entre ser e não-ser. Platão relacionou-se perante a filosofia com uma postura muito mais de disputa, pois seu viés de estudo era sempre o pedagógico, e então tratou de observar

em que medida a filosofia relacionava-se ou era influenciada, e em que medida podia ter sua atividade favorecida ou prejudicada pela atividade poética na cidade. Aristóteles tratou a poesia como disciplina particular da Filosofia, a saber, a *Poética*, em que estudara os mais diversos discursos poéticos relacionando a origem da obra de arte à sua essência.

A poesia é uma via da literatura, é uma atividade, a saber, do poeta, que tem uma finalidade muito prática e que interfere diretamente no humano, sobretudo naquilo que normalmente chama-se sentimento. Em Platão, e de modo mais especial na *República*, nota-se a que a poesia aparece como objeto de crítica, como uma das práticas que mais interferem na alma do homem, objeto da educação.

Normalmente não se aprofunda o porquê de Platão querer, na sua proposta, um distanciamento da poesia: normalmente, apenas se costuma dizer que ela é uma forma de arte à qual distancia-se da Verdade; isso é pouco, é necessário mostrar o que a poesia provoca e qual tipo de poesia é então objeto de crítica por parte de Platão. Segundo Murray, não se pode falar de uma teoria platônica da poesia mas de uma coleção de textos sobre o assunto¹. O problema pode ser assim situado:

Platão critica nos poetas miméticos a ausência de discernimento que os impede de ultrapassar os limites de sua *sophía* e buscar a visão das formas na sua plenitude. Atingindo essa etapa, o poeta passaria da mera poesia para a poesia mediada pela filosofia. A pretensão do poeta em tornar-se educador da cidade, na *Politéia*, deve levá-lo, de maneira análoga ao rei e aos governantes, a “cultivar o amor verdadeiro da filosofia verdadeira” (III, 499c1-2) e a efetuar esse processo de transição entre a pragmática da poesia e a reflexividade da filosofia, dando à sua poesia um suporte crítico. O poeta tornar-se filósofo ou, o seu contrário, o filósofo tornar-se poeta, sem dúvida parece mais uma das teorias impossíveis de se realizar, senão através do *lógos*, e Platão realiza isso introduzindo na filosofia o discurso mimético, do qual a *Politéia* é um caso exemplar. e desprezo e de um recomendável desprezo².

Aqui, iremos tratar de justificar o posicionamento platônico de crítica e rejeição da poesia, e, portanto, tentaremos definir esse contexto histórico e doutrinário da abordagem da questão a partir do conceito de moderação, descrito na *República* e aplicado à educação dos guardiões da cidade ideal. A pesquisa contribui para o estudo da educação na *República*, e acreditamos também que estende o olhar da educação voltada para um homem moderado, visto ser a temperança virtude de toda a Cidade e não de uma classe específica de cidadãos.

2. A moderação e a educação dos guardiões: um olhar sobre o problema.

No diálogo entre Sócrates e Adimanto, busca-se moldar o futuro guardião da cidade desde sua infância, evitando quaisquer hábitos que lhe conduzisse a uma escravidão ou a uma atividade imitativa de escravos ou escravas, realizando tarefas servis³. Tradicionalmente, observa-se no estudo de W. Jaeger que

1. MURRAY, Penelope. (Ed.). *Plato on Poetry*. New York; Melbourne: Cambridge University Press, 1996. p. 2.

2. RAMOS DE SOUZA, Jovelina Maria. Platão e a crítica mimética à mimesis. *Cadernos UFS- Filosofia*, Fasc. XI, v. 5, 2009, p. 52. ISSN 1807-3972.

3. PLATÃO. *A República*. 395E, tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2006.

não é Platão o primeiro filósofo grego que censura a poesia. Neste sentido, há por trás dele uma longa tradição; e ainda que não seja possível, naturalmente, relacionar a sua crítica, do ponto de vista especial em que ela se coloca, com os seus predecessores, não procederíamos de maneira histórica, se desconhecêssemos o poder desta tradição e a sua infância sobre a filosofia platônica. O seu ataque parte da falta de dignidade, excessivamente humana, que se apresentam as imagens dos deuses em Homero e em Hesíodo, ponto de partida que fora precisamente o de Xenofonte na sua luta contra a poesia épica⁴.

Vemos que na verdade, a atividade do poeta é objeto de preocupação na Antiguidade. Num mundo em que os valores culturais interferiam absolutamente no cenário político-ético e pedagógico, era necessário um olhar sobre todas as atividades que pudessem interferir no percurso do cidadão rumo ao bem da própria *pólis*. Segundo o estudo de Villela-Petit:

A bem dizer, ao falar de poesia, Platão não está se referindo a tudo aquilo que se apresenta como poema. "Poesia" no contexto da República tem a ver com as composições dos grandes poetas da tradição, e, sobretudo, com a poesia mimética, seja ela épica ou trágica. Antecipa-se de certo modo aqui o que será explicitamente enunciado na Poética de Aristóteles, isto é, que nem tudo o que é exposto em verso deve ser considerado como poesia. O fato de escrever em versos não basta para definir o "poeta"⁵.

Como fruto de um autor da Antiguidade, a República é uma espécie de 'cuidado de si'. Evitar a poesia, sobretudo de tipo imitativa, é uma espécie de recomendação e tornar-se-ia, na educação da cidade ideal, um modo de não sucumbir aos desejos da alma, acometidos pelos devaneios inspirados pela poesia. Na *República*, este cuidado de si aparece como a *soprosyne* (σωφροσύνη), virtude que tem um uma atenção especial pelo autor: no contexto da tripartição da alma e da analogia à cidade, a moderação ou temperança, é a virtude que deve estar não em uma parte específica da alma mas em toda a cidade. Toda educação da *República* tem a intenção de proporcionar uma cidade justa na qual cada classe de cidadão pratique sua virtude específica mas que seja também moderado, e o ponto de chegada dessa conclusão é que "assim como só a razão pode governar o homem, só o filósofo é capaz de orientar os destinos da cidade"⁶. Vemos aí como o conceito de moderação aparece como um domínio de si, num contexto pedagógico de formação de cada classe de cidadão e da cidade ideal. De maneira geral, nosso autor combate a questão da submissão do homem à toda sorte de prazeres e

descreve de um modo trágico a existência daqueles que pautam sua vida segundo o imperativo do prazer: vivem errantes, são incapazes de ultrapassar o limite do prazer e elevar-se até o verdadeiro ser, nem podem provar o que seja um prazer sólido e puro. Engordam e acasalam-se, semelhante aos animais, vivem pela cupidez dos sentidos, dilaceram-se e batem uns nos outros, matando-se por causa do seu apetite insaciável. Passam a vida em prazeres misturados com sofrimentos, são fantasmas do prazer verdadeiro. São insaciáveis, porquanto não enchem de alimentos consistentes a parte real e estaque de si mesmos⁷.

4. JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. 5ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 2011. p. 770.

5. VILLELA-PETIT, Maria da Penha. Platão e poesia na república. *Kriterion*. 2003, vol.44, n.107, pp. 51-71. ISSN 0100-512X.

6. DOS SANTOS, José trindade. *Para ler Platão: A ontoepistemologia dos diálogos socráticos*. Loyoola. São Paulo, 2008, p. 89.

7. TEIXEIRA, Evilásio F. Borges. *A educação da alma segundo Platão*. São Paulo: Paulus, 4 ed., 2006. p. 30.

Como já dissemos, moderação é uma espécie de domínio de si, e estes termos estão ligados diretamente às práticas prescritas pelo ideal grego do cuidado de si: a moderação irá gerar na alma uma harmonia diante dos prazeres e do desejo, o que representa, na linguagem de Platão, o domínio da parte superior da alma sobre as demais:

Mas, aparentemente, o objetivo dessas expressões é tentar indicar que na alma dessa mesma pessoa há uma parte melhor e uma pior, e que toda vez que a parte naturalmente melhor está no controle da pior isto é expresso declarando-se que a pessoa é autocontrolada ou tem domínio de si mesma. De qualquer modo, a expressão domínio de si mesmo ou autocontrole é um termo de louvor. Mas quando, ao contrário, a parte melhor (que é menor) é dominada pela pior (que é a maior), devido a uma má criação ou más companhias, isto é designado como descontrole ou licenciosidade e constitui uma censura⁸.

Na educação proposta pela *República*, a harmonia na alma proposta por ela representa a finalidade da educação do homem, a qual pretende que ele seja justo e conseqüentemente a cidade também o seja e, desta forma, que cada um ocupe-se com o que lhe foi destinado pela natureza. Para Platão, a moderação é essencial para o desenvolvimento da Sabedoria e aperfeiçoamento da alma de modo a evitar que, sem cultura, a alma destine-se a uma falta de comedimento.

A virtude específica para essa classe de cidadãos é bem definida no livro IV da *República*: “esse poder de preservar diante de tudo a crença correta e inculcada pela lei sobre o que deve ser temido e o que não deve é o que chamo de coragem”⁹. Para isso, a formação dos futuros guardiões cultivava também a opinião do jovem, para que fosse reta, incluindo a educação da música, da poesia, das fábulas e da ginástica. Sócrates deixa manifesto que a Paidéia tem como objetivo a formação de homens livres que enquanto tais não precisam de medos infundados, mas que eles devem temer a escravidão sob todas as suas formas¹⁰.

Aqui interessa demonstrar que, nesse contexto, surge a necessidade de formar um guardião moderado em suas ações e que saiba cuidar de si. O autocontrole é uma expressão dessa moderação e aparece como tarefa a ser cultivada no futuro guardião que não deveria temer nada, nem a morte¹¹ mas afastar-se de todas as ilusões até mesmo as do dinheiro e dos presentes¹². Enfim, de tudo fosse desmedido e exagerado, e de forma particular, o riso excessivo: “pois toda vez que alguém se entrega ao riso descontrolado, isso tende a provocar uma reação violenta”;¹³ imitar seria vivenciar a mentira, criticada por Platão na obra e “permitida” apenas aos líderes da cidade e em interesse dela própria. Ao contrário,

um cidadão comum mentir para um governante constitui exatamente um erro tão crasso quanto uma pessoa enferma ou atleta não dizer a verdade ao seu médico ou treinador (respectivamente) a respeito de seu estado físico ou um marinheiro não contar a verdade ao

8. PLATÃO. *A República*. 431a.

9. *República*, 430b.

10. ARAÚJO JÚNIOR, Anastácio. Borges de. Os sentidos da Eleuthería na República de Platão. *Archai*, n. 9, jul-dez 2012, p. 31.

11. *República*, 390c.

12. *República*, 390d.

13. *República*, 388e.

capitão sobre os fatos referentes a sua própria condição, ou sobre aquela do navio e do resto da tripulação – na verdade, constitui um erro pior do que todos esses”¹⁴.

Desta forma, acreditamos que as situações do texto acima parecem sugerir a poesia imitativa como uma mentira e, ao mesmo tempo, mostram o descontrole que ela pode causar na alma e na estrutura da formação do próprio homem. Torna-se salutar a moderação não somente diante dessas ações mas também quanto à embriaguez, os discursos vergonhosos e as ações desmedidas que podem causar um desarranjo na alma do homem aos quais Sócrates chama de loucos aqueles que não observam esta moderação:

“e nem, pelo que parece, homens maus, os quais são covardes e realizam o oposto daquilo a que acabamos de nos referir nomeadamente, se maldizem e se ridicularizam entre si, empregando linguagem vergonhosa quando embriagados ou sóbrios, ou causam mal recíproco ou aos outros, através de palavras ou ações, das demais variadas formas típicas dessas pessoas. Não devem se habituar a agir como loucos quer no discurso, que nos atos, pois embora devam ter conhecimento dos homens e mulheres insanos e maus, nada devem fazer ou imitar tomando-os como modelo”¹⁵.

3. A educação e o combate platônico à poesia imitativa.

Aqui nos interessa o fato de que a presença e a atividade poética na cidade podiam interferir, segundo Platão, negativamente na educação dos guardiões por deter apenas parte da Verdade e causar mal à alma, devendo ser, portando, a *mimesis*, vigiada e limitada. “O que Platão impugna com toda força é o efeito das belas artes que, contra o ideal moral do filósofo, enaltecem o sensualismo e o corrompem o sentimento, sobretudo, a poesia, e mais que tudo a poesia trágica criada por Homero”¹⁶. Por essa razão, diz ele, “temos de dar um fim a tais fábulas para que não produzam na juventude uma forte predisposição para os atos maus”¹⁷. O ponto de partida da crítica platônica é acerca da poesia de tipo imitativa, e o faz a partir da teoria das ideias, ou seja, questiona o valor da poesia a partir de sua relação com a verdade, com o verdadeiro Ser. O poeta que imita, está duplamente afastado da verdade: primeiramente afasta-se do Ser da coisa e da coisa concreta, ou seja, quem pinta a cama, afasta-se da Forma da cama e da cama real¹⁸. Nosso autor utiliza-se de várias metáforas na obra para verificar como toda ação do artista limita-se à uma imitação daquilo que já existe como cópia da Ideia. “Em outras palavras, a poesia é duplamente nefasta: enquanto promete falsamente que trará um ganho cognitivo, ela traz somente dano psicológico e ético ao indivíduo e à comunidade”¹⁹.

14. *República*, 389b.

15. *República*, 396e.

16. GOMPERZ, Theodor. *Os pensadores da Grécia*. Os pensadores da Grécia. História da Filosofia Antiga. Tomo II- Filosofia socrática e platônica. São Paulo: Ícone, 2013, p. 421.

17. *República*, 392a.

18. JANAWAY, Christopher. *Platão e as artes*. Org. Hugh H. Benson e colaboradores. Porto alegre: Artmed, 2011, p. 367.

19. *Idem*, p. 365.

É por isso que se torna necessário expulsar a poesia da cidade e, mais precisamente, a poesia imitativa, que pelo distanciamento do Ser é obstáculo do caminho do homem moderado e da educação proposta na cidade ideal. A questão para a qual tende o diálogo é a respeito daquilo que o homem moderado deve imitar, e obviamente trata-se de um homem bom e que age de modo correto, sendo esta uma das tarefas da educação. E, por conseguinte, a reação diante de um homem de caráter indigno de ser imitado é que

não se mostrará disposto a seriamente assemelhar-se a esse caráter inferior, exceto, talvez por um breve período no qual tal personagem esta realizando algo bom. Ao contrário, ele se sentirá envergonhado de assumir essa semelhança quer porque não está habituado a imitar tais pessoas quer porque não tolera moldar-se e ajustar-se a um padrão inferior²⁰.

Note-se que o termo “personagem” indica que o homem sem moderação pode apenas “atuar” de maneira correta tentando até mesmo enganar, conforme um ator, já que não é de seu caráter a moderação. A poesia afeta diretamente o “regime” da moderação por excitar as partes menos nobres da alma²¹: “Mesmo o indivíduo que alcança o ideal platônico e é governado pela parte da alma nobre, racional e que busca o bem é poderosamente afetado pela experiência de escutar os poetas”²². A poesia então sendo vigiada e limitada, como dissemos no início, deve ater-se e reservar-se apenas à uma imitação de algo construtivo para a alma do homem, algo que contribua para sua formação desenvolvendo a força moral e a virtude: “E se forem imitadores, deverão fazê-lo desde a infância o que lhes é apropriado, a saber, homens que são corajosos, moderados, piedosos, livres, e as ações destes”²³. De acordo com Jaeger:

De tudo isto conclui Platão que o poeta tem sobre a alma do homem uma influencia ruim, pois desperta, alimenta e robustece nela as forças piores, matando, em contrapartida, o espírito pensante, à semelhança dos governantes que robustecem os piores elementos dentro do Estado. Platão recorda uma vez mais que é esta a razão porque desterrou do seu estado ideal a poesia imitativa (...) ²⁴.

Examinadas essas questões, somos levados a concluir que a educação da opinião do futuro guardião é, na verdade, uma iniciação ao “cuidado de si”, de modo que, através da reta e firme opinião sobre o “temível”, o guardião progride em sua virtude específica, a coragem, e acaba exercendo a noção de *cuidado*, ao imitar somente o que é bom e digno ao mesmo tempo e não submeter-se à toda sorte de atividades intolerantes, na comida, na bebida, nos desejos e aspirações e na própria ginástica, sendo, portanto, o fruto da educação recebida o autodomínio, o homem moderado como aquele que sabe cui-

20. *República*, 396d-e.

21. “[...] salvo algumas esporádicas exceções, ela é capaz de corromper mesmo indivíduos honestos, o que é, decerto, algo completamente terrível. [...] Quando inclusive os melhores entre nós escuta Homero, ou algum outro trágico imitando um dos heróis mergulhado em aflições e proferindo um rosário de lamentações ou cantando e batendo no peito, sabes que extraímos prazer disso, nos abandonamos a tal narrativa, simpatizamos com o herói, levamos seus padecimentos a sério e louvamos como bom poeta aquele que com tal intensidade nos afeta dessa forma.” *República*, 605d-e.

22. JANAWAY, Christopher. 2011. p. 368.

23. *República*, 395c.

24. JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo, Martins Fontes, 5 ed. 2011, p. 986.

dar de si. Dentre as práticas que compõem todo “regime” do cuidado de si, tanto na visão grega como um todo quanto no pensamento platônico, destaca-se a moderação como expressão da educação à qual é submetido todo homem grego.

3. Conclusão

Nota-se que na *República* não se fala de um autoconhecimento para o guardião afinal não é de sua cultura o Saber mas apenas a opinião. Fala-se então em um fortalecimento de sua opinião visando poder decidir aquilo que é Bom e faz bem a sua alma, ainda, aquilo que moderadamente não lhe faça mal nem à sua alma. A “arte” de imitar não contribui para esta intenção pedagógica por confundir os sentimentos e desviar a atenção do futuro guardião da busca pela sua virtude correspondente.

A moderação socrática aparece então como domínio dos apetites e dos desejos do corpo: é esta a virtude necessária aos guardiões²⁵ e aos homens de uma maneira geral. Nossa conclusão perante o que foi exposto é que a moderação é uma proposta que Platão parece sugerir para o ser humano como maior fonte de Bem e de felicidade. À coragem de um guerreiro deve estar aliado o domínio dos desejos, ao verdadeiro amor a prudência também deve acompanhar. Tudo isto reflete um ideal grego ligado ao qualitativo como medida da ação. Ademais, a relação entre Filosofia e poesia, em Platão, é uma relação de contradição, de distanciamento pela categoria imitativa da poesia: enquanto a primeira preza pela Verdade, a segunda distancia-se e confunde o homem conduzindo-o inclusive à perdição. O cultivo da moderação diante da proposta poética é a tentativa platônica de regular a produção da poesia, de estabelecer critérios e de não submeter o homem de forma que não seja escravo nem de si, nem de suas partes mais inferiores.

25. *República*, 413d-e.

Referências bibliográficas

ARAÚJO JÚNIOR., Anastácio. Borges de. Os sentidos da Eleuthería na República de Platão. *Archai*, n. 9, jul-dez 2012, pp. 27-36.

BARROS, Chimena M. S. A Poesia na Filosofia Heideggeriana: Uma Breve Investigação Rumo à Crítica. *Terra roxa e outras terras Revista de Estudos Literários*, v. 5 (2005) 2-16. ISSN 1678-2054h.

GOMPERZ, Theodor. *Os pensadores da Grécia*. História da Filosofia Antiga. Tomo II- Filosofia socrática e platônica. São Paulo: Ícone, 2013.

JANAWAY, Christopher. *Platão e as artes*. Org. HUGH H. Benson e colaboradores. Porto alegre: Artmed, 2011.

PLATÃO. *A República*. Tradução, textos complementares e notas de Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2006.

JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MURRAY, Penelope. (Ed.). *Plato on Poetry*. New York; Melbourne: Cambridge University Press, 1996.

RAMOS DE SOUZA, Jovelina Maria. Platão e a crítica mimética à mimesis. *Cadernos UFS- Filosofia*, Fasc. XI, v. 5, 2009, p. 52. ISSN 1807-3972.

VILLELA-PETIT, Maria da Penha. Platão e a poesia na República. *Kriterion* [online]. 2003, vol. 44, n. 107, pp. 51-71. ISSN 0100-512X.